



Pós-Humanismo, Transumanismo, Anti-Humanismo, Meta-Humanismo e novos materialismos¹

Diferenças e Relações

FRANCESCA FERRANDO²

Resumo

“Pós-humano” se tornou um termo guarda-chuva para se referir à variedade de escolas de pensamento e diferentes movimentos, incluindo o pós-humanismo filosófico, cultural e crítico; transumanismo (nas suas variações de extropianismo, transumanismo liberal e democrático, entre outros); a abordagem feminista dos novos materialismos; o panorama heterogêneo do anti-humanismo, meta-humanismo, meta-humanidades e pós-humanidades. Tal uso genérico e abrangente do termo criou confusões metodológicas e teóricas entre especialistas e não especialistas. Este ensaio irá explorar as diferenças entre esses movimentos, focando particularmente nas áreas de significação compartilhadas pelo pós-humanismo e transumanismo. Ao apresentar essas duas filosofias independentes, ainda que relacionadas, o pós-humanismo pode provar um ponto de vista mais compreensível para refletir sobre futuros possíveis.

Palavras-chave: Pós-humanismo. Transumanismo. Anti-humanismo. Meta-humanismo. Novo materialismo. Tecnologia. Futuro. Pós-humano. Transumano. Ciborgue.

¹ Artigo originalmente publicado na Revista Existenz (An International Journal in Philosophy, Religion, Politics and Arts), ISSN 1932-1066, Volume 8, nº 2, Outono de 2013. Traduzido por Murilo Karasinski, Doutorando em Filosofia pela PUCPR.

² Columbia University, e-mail: ff@theposthuman.org

Abstract

"Posthuman" has become an umbrella term to refer to a variety of different movements and schools of thought, including philosophical, cultural, and critical posthumanism; transhumanism (in its variations of extropianism, liberal and democratic transhumanism, among others); the feminist approach of new materialisms; the heterogeneous landscape of antihumanism, metahumanism, metahumanities, and posthumanities. Such a generic and all-inclusive use of the term has created methodological and theoretical confusion between experts and non-experts alike. This essay will explore the differences between these movements, focusing in particular on the areas of signification shared by posthumanism and transhumanism. In presenting these two independent, yet related philosophies, posthumanism may prove a more comprehensive standpoint to reflect upon possible futures.

Keywords: *Posthumanism. Transhumanism. Antihumanism. Metahumanism. new materialism. Technology. Future. Posthuman. Transhuman. Cyborg.*

Introdução

No debate acadêmico contemporâneo, “pós-humano” se tornou um termo chave para lidar com uma urgência da redefinição integral da noção de humano, seguindo a onto-epistemologia, bem como os desenvolvimentos científicos e biotecnológicos dos séculos XX e XXI. O panorama filosófico, que desde então se desenvolveu, inclui vários movimentos e escolas de pensamento. O rótulo “pós-humano” é frequentemente evocado de maneira genérica e abrangente, para indicar quaisquer dessas perspectivas diferentes, criando confusões metodológicas e teóricas entre especialistas e não especialistas. “Pós-humano” se tornou um termo guarda-chuva para incluir pós-humanismo (filosófico, cultural e crítico), transumanismo (em suas variantes como extropianismo, transumanismo liberal e democrático, entre outras correntes), novos materialismos (um feminismo específico desenvolvido dentro do quadro pós-humanista) e os panoramas heterogêneos do anti-humanismo, pós-humanidades e meta-humanidades. As áreas de maior confusão de significado são aquelas compartilhadas por pós-humanismo e transumanismo. Existem diferentes razões para tal confusão. Ambos os movimentos surgiram mais especificamente no

final dos anos 80 e início dos anos 90³, com interesses em assuntos similares. Eles compartilham uma percepção comum do humano como uma condição não fixa e mutável, mas eles geralmente não compartilham as mesmas raízes e perspectivas. Além disso, dentro do debate transumanista, o conceito de pós-humanismo em si mesmo é interpretado de uma forma transumanista específica, o que causa confusão adicional na compreensão geral do pós-humano: para alguns transumanistas, os seres humanos podem se transformar tão radicalmente, que, ao final, tornam-se pós-humanos, a esperada condição que irá se seguir à atual era transumanista. Tal perspectiva no pós-humano não deve ser confundida com a abordagem pós-antropocêntrica e pós-dualista do (filosófico, cultural e crítico) pós-humanismo. Este ensaio esclarece algumas das diferenças entre estes dois movimentos independentes, ainda que relacionados, e sugere que o pós-humanismo, em sua ressignificação ontológica radical da noção de humano, pode oferecer uma abordagem mais abrangente.

Transumanismo

O movimento do transumanismo problematiza a compreensão atual do ser humano não necessariamente através de seus legados passados e presentes, mas através das possibilidades inscritas dentro de suas possíveis evoluções biológicas e tecnológicas. O melhoramento humano é uma noção crucial para a reflexão transumanista; as principais chaves para acessar tal meta são identificadas na ciência e na tecnologia⁴, em todas as suas variáveis, como quadros existentes, emergentes e

³ Devo esclarecer que ambos os movimentos podem ser delineados antes dessas datas. A referência mais próxima ao transumanismo como a atual atitude filosófica pode ser encontrada em Julian Huxley, "Transhumanism", in Julian Huxley, *New Bottles for New Wine: Essays*, London: Chatto & Windus 1957, pp. 13-7. Na literatura pós-moderna, os termos "pós-humano" e "pós-humanismo" apareceram primeiro em Ihab Habib Hassan, "Prometheus as Performer: Toward a Posthumanism Culture?", *The Georgia Review* 31/4 (Winter 1977), pp. 830-50; e Ihab Habib Hassan, *The Postmodern Turn: Essays in Postmodern Theory and Culture*, Columbus, OH: Ohio State University Press, 1987.

⁴ Um grupo internacional de autores construiu a Declaração Transumanista em 1998 que agora está postada no site <http://humanityplus.org/philosophy/transhumanist-declaration/>. Os dois primeiros dos oito preâmbulos declaram: "(1) A humanidade será profundamente alterada pela ciência e pela tecnologia no futuro. Nós vislumbramos a possibilidade de aumentar o potencial humano ao superar o envelhecimento, as deficiências cognitivas, o sofrimento involuntário e o nosso confinamento ao planeta Terra. (2) Nós acreditamos que o potencial humano ainda está

especulativos — da medicina regenerativa à nanotecnologia, a extensão radical da vida, o upload da mente e a criônica, entre outros campos. Diferentes correntes coexistem no transumanismo, como: transumanismo libertário, transumanismo democrático e extropianismo. Ciência e tecnologia são os principais ativos de interesse para cada uma dessas posições, mas com diferentes ênfases. O transumanismo libertário defende o livre mercado como o melhor garantidor do direito humano ao melhoramento⁵. O transumanismo democrático exige um acesso igual às melhorias tecnológicas, que poderiam de outra forma ser limitadas a certas classes sociopolíticas e relacionadas ao poder econômico, conseqüentemente codificando políticas raciais e sexuais⁶. Os princípios do extropianismo foram delineados por seu fundador Max More como: progresso perpétuo, autotransformação, otimismo prático, tecnologia inteligente, sociedade aberta (informação e democracia), auto-direção e pensamento racional⁷. A ênfase em noções como racionalidade, progresso e otimismo está de acordo com o fato de que, filosoficamente, o transumanismo tem suas raízes no Iluminismo⁸, e por isso não expropria o humanismo racional. Ao levar o humanismo mais distante, o transumanismo pode ser definido como “ultra-humanismo⁹”. Esta posição teórica enfraquece a reflexão transumanista, como argumentado em breve.

No Ocidente, o humano tem sido historicamente colocado em uma escala hierárquica em relação ao reino não humano. Tal estrutura simbólica, baseada em um

por ser realizado. Existem cenários possíveis que levam a melhorias maravilhosas e extremamente valiosas da condição humana”. Último acesso 14 Nov. 2013.

⁵ Ver Ronald Bailey, *Liberation Biology: The Scientific and Moral Case for the Biotech Revolution*, Amherst, NY: Prometheus, 2005.

⁶ Ver James Hughes, *Citizen Cyborg: Why Democratic Societies Must Respond to the Redesigned Human of the Future*, Cambridge, MA: Westview Press, 2004. [Daqui em diante citado como CC]

⁷ Max More, *Principles of Extropy*, Versão 3:11, 2003, <http://www.extropy.org/principles.htm>. Último acesso 14 Nov. 2013. [Daqui em diante citado como PE]

⁸ James Hughes vê na Declaração Transumanista o momento em que o legado com o Iluminismo foi afirmado explicitamente: “Com a Declaração os transumanistas abraçaram sua continuidade com o Iluminismo, com a democracia e com o humanismo” (CC 178). Similarmente, Max More explica, “Como humanistas, transumanistas favorecem a razão, o progresso e valores centrados no nosso bem estar do que em autoridades religiosas externas. Transumanistas levam o humanismo além ao desafiar os limites humanos por intermédio da ciência e da tecnologia combinados com criatividade e pensamento crítico” (PE n. p.). [Uma quantia considerável de literatura transumanista é publicada on-line, assim, como nesse caso, o número específico da página da referência não pode ser listado.]

⁹ Bradley B. Onishi, “Information, Bodies and Heidegger: Tracing Visions of the Posthuman,” *Sophia* 50/1 (2011), pp. 101-12.

excepcionalismo humano bem representado na Grande Cadeia do Ser¹⁰, não só sustentou a primazia dos humanos sobre os animais não humanos, mas também (in)formou o próprio reino humano, com sexismo, racismo, classismo, homofobia e presunções etnocêntricas. Em outras palavras, nem todo ser humano foi considerado como tal: mulheres, descendentes Afroamericanos, gays e lésbicas, pessoas com capacidades diferentes, entre outras, representavam as margens para o que seria considerado humano. Por exemplo, no caso da escravidão, escravos eram tratados como propriedade pessoal de um dono, para serem comprados e vendidos. Além disso, reflexões transumanistas, em seus esforços "ultra-humanistas", não se envolvem plenamente com um relato crítico e histórico do humano, o qual é frequentemente apresentado de uma forma genérica e "adequada para todos"¹¹.

Ademais, o esforço contínuo transumanista em reconhecer a ciência e a tecnologia como os principais ativos de reformulação do humano causam o risco de tecnorreduccionismo: tecnologia torna-se um projeto hierárquico, baseado no pensamento racional, dirigido para a progressão. Considerando que um grande número da população mundial ainda está ocupado com a mera sobrevivência, se a reflexão sobre futuros desejáveis for reduzida a uma superestimação do parentesco tecnológico do humano revisitada em seus resultados técnicos específicos, tal preferência o confinaria a um movimento classista e tecnocêntrico¹². Por estas razões, embora oferecendo visões inspiradoras sobre a interação em curso entre os reinos biológico e tecnológico, o transumanismo está enraizado dentro das tradições de

¹⁰ Enraizado em Platão, Aristóteles e no Antigo Testamento, a Grande Cadeia do Ser representa uma estrutura hierárquica de toda a matéria e vida (mesmo em suas formas hipotéticas, tais como anjos e demônios), a partir de Deus. Este modelo, com diferenças contextuais e especificidades, continuou na interpretação Cristã durante a Idade Média, o Renascimento, até o século XVIII. Um estudo clássico desse assunto foi feito por Arthur O. Lovejoy, *The Great Chain of Being: A Study of the History of an Idea*, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1936.

¹¹ Francesca Ferrando, "The Body", in *Post-and Transhumanism: An Introduction*, eds. Robert Ranisch e Stefan L. Sorgner, Vol. 1 de *Beyond Humanism: Trans- and Posthumanism*, Frankfurt am Main: Peter Lang Publisher.

¹² Ver N. Katherine Hayles, *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*, Chicago, IL: University of Chicago Press 1999, p. 20: "Os trinta milhões de americanos que estão conectados à Internet cada vez mais se envolvem em experiências virtuais representando uma divisão entre o corpo material que existe de um lado da tela e os simulacros de computador que parecem criar um espaço dentro da tela. No entanto, para milhões mais, a virtualidade não é nem uma nuvem no horizonte de seus mundos cotidianos. Dentro de um global contexto, a experiência da virtualidade torna-se mais exótica por várias ordens de magnitude. É um corretivo útil lembrar que 70 por cento da população mundial jamais fez uma chamada telefônica".

pensamento que impõem restrições irresgatáveis às suas perspectivas. Sua dependência da tecnologia e da ciência deveria ser investigada a partir de um ângulo mais amplo; uma abordagem menos centralizada e mais integrada enriqueceria profundamente o debate. Nesse sentido, o pós-humanismo pode oferecer um ponto de partida mais adequado.

Tecnologias Pós-Humanistas

Se o pós-humanismo e o transumanismo compartilham um interesse comum na tecnologia, as maneiras pelas quais elas refletem sobre essa noção é estruturalmente diferente. A dimensão histórica e ontológica da tecnologia é uma questão crucial, quando se trata de uma compreensão adequada da agenda pós-humana; no entanto, o pós-humanismo não coloca a tecnologia em seu foco principal, o que reduziria sua própria tentativa teórica a uma forma de essencialismo e de tecnorreduccionismo. A tecnologia não é nem o “outro” a ser temido e a se rebelar contra (em uma espécie de atitude neoludita), nem sustenta as características quase divinas que alguns transumanistas atribuem a ela (por exemplo, abordando a tecnologia como uma fonte que pode garantir um lugar à humanidade em futuros pós-biológicos). O que transumanismo e pós-humanismo compartilham é a noção de tecnogênese¹³. A tecnologia é uma característica do equipamento humano. Mais do que uma ferramenta funcional para obtenção de energia, tecnologia mais sofisticada ou até mesmo imortalidade, a tecnologia chega ao debate pós-humanista através da mediação do feminismo, em particular, através do ciborgue de Donna Haraway e seu desmantelamento de dualismos estritos e de fronteiras¹⁴, como os existentes entre humanos e animais não humanos, organismos biológicos e máquinas, o reino físico e não físico; e ultimamente, o limite entre a tecnologia e o self.

¹³ Ver Katherine Hayles, “Wrestling with Transhumanism”, in *H+: Transhumanism and its Critics*, eds. Gregory R. Hansell, William Grassie, et al., Philadelphia, PA: Metanexus Institute 2011, pp. 215-26.

¹⁴ Donna Haraway, “A Manifesto for Cyborgs: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the 1980s”, em *The Gendered Cyborg: A Reader*, Eds. Gill Kirkup, Linda Janes, Kath Woodward, e Fiona Hovenden, New York, London: Routledge 2000, pp. 50-7.

A não separação entre o humano e o reino tecnológico deve ser investigada não apenas como uma questão antropológica¹⁵ e paleontológica¹⁶, mas também como uma questão ontológica. A tecnologia, dentro do quadro pós-humanista, pode ser verificada através do trabalho de Martin Heidegger, especificamente em seu ensaio “The Question Concerning Technology”, onde ele afirmou: “A tecnologia não é portanto um mero meio. A tecnologia é uma maneira de revelação¹⁷”. O pós-humanismo investiga a tecnologia precisamente como um modo de revelação, reatando assim a sua importância ontológica em um ambiente contemporâneo onde a tecnologia tem sido reduzida em grande parte a seus esforços técnicos. Aspectos relevantes adicionais a serem mencionados em relação ao pós-humanismo são as tecnologias do self, como definidas por Michel Foucault¹⁸. As tecnologias do self desmantelam a separação self/outros através de uma ontologia relacional¹⁹, desempenhando papel substancial no processo de revelação existencial, e abrindo o debate para a ética pós-humana e a filosofia aplicada. O pós-humanismo é uma práxis. Os modos como os futuros estão sendo concebidos e imaginados não estão desconectados de suas atuais realizações: na abordagem pós-humana pós-dualista, o “que” é o “como”. Por exemplo, o pós-humanismo leva em consideração a migração do espaço, mas em suas raízes pós-modernas e pós-coloniais, não pode sustentar a colonização do espaço, conceito frequentemente encontrado na literatura transumanista. Este é um bom exemplo de como transumanismo e pós-humanismo podem abordar o mesmo assunto de diferentes pontos de vista e legados teóricos.

¹⁵ Ver Arnold Gehlen, *Man in the Age of Technology*, trad. Patricia Lipscomb, New York: Columbia University Press, [1957] 1980.

¹⁶ Ver André Leroi-Gourhan, *L’Homme ET La Matière*, Paris: Albin Michel, 1943; também André Leroi-Gourhan, *Gesture and Speech*, trad. Anna Bostock Berger, Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

¹⁷ Martin Heidegger, *The Question Concerning Technology and Other Essays*, trad. William Lovitt, New York: Harper Torchbooks [1953] 1977, p. 12

¹⁸ Michel Foucault apresentou essa ideia no seu trabalho tardio. Pouco antes de sua morte em 1984, ele mencionou a ideia de trabalhar em um livro sobre as tecnologias do self. Em 1988, seu artigo “Technologies of the Self”, foi publicado post-mortem com base em seus seminários na Universidade de Vermont em 1982: *Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault*, eds. Luther H. Martin, Huck Gutman, e Patrick H. Hutton, Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 1988, pp. 16-49.

¹⁹ Ver Karen Michelle Barad, *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*, Durham: Duke University Press, 2007.

Pós-humanismo

Embora as raízes do pós-humanismo já possam ser encontradas na primeira onda do pós-modernismo, a virada pós-humana foi plenamente encenada por teóricas feministas nos anos Noventa, dentro do campo da crítica literária — o que mais tarde será definido como pós-humanismo crítico. Simultaneamente, os estudos culturais também o adotaram, produzindo uma abordagem específica que tem sido referida como pós-humanismo cultural²⁰. No final da década de 1990, o pós-humanismo (crítico e cultural) se desenvolveu em uma investigação mais focada filosoficamente (agora referido como pós-humanismo filosófico), numa tentativa abrangente de reaccessar cada campo de investigação filosófica através de uma recém-adquirida percepção dos limites dos pressupostos antropocêntricos e humanistas anteriores. O pós-humanismo é frequentemente definido como um pós humanismo e como um pós antropocentrismo²¹: ele é “pós” ao conceito do humano e à ocorrência histórica do humanismo, ambos baseados, como vimos anteriormente, em construtos sociais hierárquicos e pressupostos humanocêntricos. O especismo se tornou um aspecto integral da abordagem crítica pós-humana. A superação pós-humana da primazia humana, porém, não deve ser substituída por outros tipos de primazia (como a das máquinas). O pós-humanismo pode ser visto como um pós-exclusivismo: uma filosofia empírica de mediação que oferece uma reconciliação da existência em suas significações mais amplas. O pós-humanismo não emprega nenhum dualismo frontal ou antítese, desmistificando qualquer polarização ontológica através da prática pós-moderna de desconstrução.

Não obcecado em provar a originalidade de suas próprias propostas, o pós-humanismo pode ser visto também como um pós-excepcionalismo. Isso implica uma assimilação da “dissolução do novo”, que Gianni Vattimo identificou como um traço

²⁰ Para uma abordagem histórica e teórica do pós-humanismo cultural, ver Judith Halberstam e Ira Livingston, eds., *Posthuman Bodies*, Bloomington: Indiana University Press 1995; Neil Badmington, ed., *Posthumanism*, New York: Palgrave 2000; Andy Miah, “Posthumanism in Cultural Theory”, in *Medical Enhancement and Posthumanity*, eds. Bert Gordijn e Ruth Chadwick, Berlin: Springer 2008, pp. 71-94.

²¹ Ver Rosi Braidotti, *The Posthuman*, Cambridge, UK: Polity Press, 2013.

específico do pós-moderno²². Para postular o “novo”, o centro do discurso deve ser localizado, de modo que a pergunta “Novo para quê?” possa ser respondida. Mas a novidade do pensamento humano é relativa e situada: o que é considerado novo em uma sociedade pode ser senso comum em outra²³. Além disso, as perspectivas hegemônicas não explicitam conhecer todos os pontos de vista resistentes que coexistem dentro de cada paradigma histórico-cultural específico, falhando em reconhecer as descontinuidades incorporadas em qualquer formação discursiva. O que o pós-humanismo coloca em jogo não é apenas a identidade do centro tradicional do discurso do Ocidente — o qual já foi radicalmente desconstruído por suas próprias periferias (teorias feministas, críticos da raça, queer e pós-colonial, para citar alguns). O pós-humanismo é pós-centralizado no sentido de que reconhece não um, mas muitos centros específicos de interesse; ele descarta a centralidade do centro em sua forma singular, tanto em seus modos hegemônico, quanto de resistência²⁴. O pós-humanismo pode reconhecer centros de interesses; os seus centros, no entanto, são mutáveis, nômades, efêmeros. Suas perspectivas têm que ser pluralistas, multifacetadas, e tão abrangentes e inclusivas quanto possível.

À medida que o pós-humanismo atrai mais atenção e se torna generalizado, novos desafios surgem. Por exemplo, alguns pensadores estão atualmente olhando para abordar a diferença “exótica”, como o robô, as quimeras biotecnológicas, o alienígena, sem ter que lidar com as diferenças embutidas dentro do reino humano, evitando assim os estudos desenvolvidos pelas “margens” humanas, tais como o feminismo ou os estudos críticos de raças²⁵. Mas o pós-humanismo não se sustenta em um sistema hierárquico: não há graus mais altos e mais baixos de alteridade ao formular um ponto de vista pós-humano, de forma que as diferenças não humanas

²² Gianni Vattimo, *The End of Modernity: Nihilism and Hermeneutics in Postmodern Culture*, trad. Jon R. Snyder, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1988.

²³ Em cada civilização, enquanto uma nova informação é obtida, outra informação é perdida, de modo que a informação perdida, uma vez recuperada, torna-se nova de novo. O psicanalista Immanuel Velikovsky definiu a espécie humana como a espécie que constantemente perde a memória de suas origens. Ver a sua obra *Mankind in Amnesia*, New York: Doubleday, 1982. Além disso, devem-se considerar os paralelos existentes entre as descobertas científicas do Ocidente e o conhecimento espiritual tradicional do Oriente trazidos pelo físico Fritjof Capra no seu influente trabalho *The Tao of Physics: An Exploration of the Parallels between Modern Physics and Eastern Mysticism*, Boston, MA: Shambhala, 1975.

²⁴ Francesca Ferrando, “Towards a Posthumanist Methodology: A Statement”, *Frame. Journal for Literary Studies*, 25/1 (2012), Utrecht University, pp. 9-18.

²⁵ Ver Bell Hooks, *Feminist Theory: From Margin to Center*, Boston, MA: South End Press, 1984.

são tão convincentes quanto as humanas. O pós-humanismo é uma filosofia que fornece um ponto apropriado de partida para pensar em formas relacionais e multifacetadas, expandindo o foco para o reino não humano em modos pós-dualistas, pós-hierárquicos, permitindo assim que se vislumbrem futuros pós-humanos que irão alongar radicalmente os limites da imaginação humana.

Novos Materialismos

Novos materialismos é outro movimento específico dentro do cenário teórico pós-humanista²⁶. Diana Coole e Samantha Frost apontam: “os materialismos críticos renovados não são sinônimos de um renascimento do Marxismo²⁷”, mas, mais literariamente, eles reinscrevem a matéria como um processo de materialização no debate feminista crítico. Já rastreável em meados para o final dos anos Noventa na ênfase dada ao corpo pelo feminismo corpóreo²⁸, tal interesse feminista redescoberto tornou-se mais amplamente matéria-orientado na primeira década do século XXI. Novos materialismos surgiram filosoficamente como uma reação ao representacionalismo e às radicalizações construtivistas da pós-modernidade tardia, que de alguma forma perderam a trilha do reino material. Tal perda postulou um dualismo interior entre o que era percebido como manipulado pelo ato de observar e descrever, enquanto perseguido pelos observadores, e a realidade externa, que se tornaria assim inacessível²⁹. Embora as raízes dos novos materialismos possam ser rastreadas no pós-modernismo, novos materialismos apontam que a rejeição pós-

²⁶ O termo foi cunhado independentemente por Rosi Braidotti e Manuel De Landa no meio dos anos 1990. Ver Rick Dolphijn e Iris van der Tuin, *New Materialism: Interviews & Cartographies*, Ann Arbor, MI: Open Humanities Press, 2012. Para a problematização relacionada ao uso de “novo” nesse contexto, ver Nina Lykke, “New Materialisms and their Discontents”, trabalho apresentado em *Entanglements of New Materialism*, Third New Materialism Conference, Linköping University, May 25-26, 2012. University of Michigan.

²⁷ Diana H. Coole e Samantha Frost, “Introducing the New Materialisms”, em *New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics*, eds. Diana H. Coole and Samantha Frost, Durham, NC: Duke University Press 2010, pp. 1-45, aqui p. 30.

²⁸ Ver Elizabeth A. Grosz, *Volatile Bodies: Toward a Corporeal Feminism*, Bloomington, IN: Indiana University Press, 1994. Além disso, Vicky Kirby, *Telling Flesh: The Substance of the Corporeal*, New York: Routledge, 1997.

²⁹ Um dos proponentes desse tipo de construtivismo radical foi o filósofo Erns Von Glaserfeld, que o elaborou em sua teoria do conhecimento, entre outros textos, em *Radical Constructivism: A way of Knowing and Learning*, New York: Routledge Falmer, 1995.

moderna do dualismo natureza/cultura resultou em uma clara preferência por seus aspectos culturais. Tal preferência produziu uma multiplicação de relatos genealógicos que investigavam as implicações construtivistas de quaisquer presunções naturais³⁰, no que pode ser visto como uma onda de literatura feminista construtivista radical relacionada à grande influência dos trabalhos pioneiros de Judith Butler³¹. Essa literatura exibiu um resultado desequilibrado: se a cultura não precisava ser colocada entre parêntesis, a natureza certamente o fez. Em um tom irônico, Karen Barad, uma das principais teóricas dos novos materialismos, referindo-se implicitamente ao livro de Butler *Bodies That Matter*³², declarou: “A linguagem importa. O discurso importa. A cultura importa. Há um sentido importante em que a única coisa que parece não importar mais é a matéria³³”. Novos materialismos não apresentam divisão entre linguagem e matéria: a biologia é mediada culturalmente tanto quanto a cultura é construída materialmente. Os novos materialistas percebem a matéria como um processo contínuo de materialização, conciliando elegantemente a ciência e as teorias críticas: a física quântica com uma sensibilidade pós-estruturalista e pós-moderna. A matéria não é vista de forma alguma como algo estático, fixo ou passivo, esperando para ser moldada por alguma força externa; em vez disso, ela é enfatizada como “um processo de materialização” (BM 9). Tal processo, que é dinâmico, mutável, intrinsecamente entrelaçado, difraccional e performativo, não tem nenhum primado sobre a materialização, nem a materialização pode ser reduzida a seus termos processuais.

³⁰ Para uma crítica do construtivismo e do representacionalismo a partir de uma perspectiva pós-humanista, ver John A. Smith & Chris Jenks, *Qualitative Complexity: Ecology, Cognitive Processes and the Re-Emergence of Structures in Post-Humanist Social Theory*, Oxon: Routledge 2006, pp. 47-60.

³¹ Ver Veronica Vasterling, “Butler’s Sophisticated Constructivism: A Critical Assessment”, *Hypatia* 14/3 (August 1999), pp. 17-38, aqui p. 17: “Durante a última década, um novo paradigma surgiu na teoria feminista: construtivismo radical. O trabalho de Judith Butler é mais próximo do novo paradigma. Na base da apropriação criativa da teoria pós-estruturalista e psicanalítica, Butler elabora uma nova perspectiva sobre o sexo, gênero e sexualidade. Uma expressão bem conhecida dessa nova perspectiva é a tese de Butler, em *Bodies that Matter* (1993), de que não só o gênero, mas também a materialidade do corpo (sexuado) é construído discursivamente”.

³² Judith Butler, *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of Sex*, New York: Routledge, 1993. [Daqui em diante citado como BM]

³³ Karen Barad, “Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter”, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 28/3 (2003), pp. 801-31, aqui p. 801.

Anti-humanismo, Meta-humanismo, Meta-humanidades e Pós-humanidades

Existem diferenças significativas dentro do cenário pós-humano, cada uma levando a um fórum especializado de discurso. Se a racionalidade moderna, o progresso e o livre arbítrio estão no centro do debate transumanista, uma crítica radical dessas mesmas pressuposições é o cerne do anti-humanismo³⁴, uma posição filosófica que compartilha com o pós-humanismo suas raízes na pós-modernidade, mas difere em outros aspectos³⁵. A desconstrução da noção de humano é central para o anti-humanismo: este é um dos seus principais pontos em comum com o pós-humanismo. No entanto, uma distinção importante entre os dois movimentos está embutida em suas morfologias, especificamente em sua denotação de “pós-” e “anti-”. O anti-humanismo reconhece plenamente as consequências da “morte do homem”, como já foi afirmado por alguns teóricos pós-estruturalistas, em particular por Michel Foucault³⁶. Em contraste, o pós-humanismo não se baseia em qualquer morte simbólica: tal suposição seria baseada no dualismo vivo/morto, enquanto qualquer forma estrita de dualismo já foi desafiada pelo pós-humanismo, em sua perspectiva ontológico-processual pós-dualista. O pós-humanismo, afinal, está ciente do fato de que presunções humanistas hierárquicas não podem ser facilmente descartadas ou apagadas. A esse respeito, está mais sintonizado com a abordagem desconstrutiva de Derrida do que com a morte do Homem de Foucault³⁷. Para completar a apresentação do cenário pós-humano, o meta-humanismo é uma abordagem recente intimamente relacionada com o legado Deleuziano³⁸, que enfatiza

³⁴ É importante notar que o Anti-humanismo não é um movimento homogêneo. Nesse aspecto, ver Béatrice Hanpile, “The ‘Death of Man’: Foucault and Anti-Humanism”, em Foucault and Philosophy, eds. Timothy O’Leary and Christopher Falzon, Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010.

³⁵ Aqui, eu irei focar principalmente na corrente filosófica desenvolvida pelos legados Nietzscheanos-Foucaultianos. Para um relato da perspectiva anti-humanista enraizada no Marxismo e desenvolvida por filósofos como Louis Althusser e György Lukács ver Tony Davies, Humanism, New York, NY: Routledge 1997, pp. 57-69.

³⁶ Michel Foucault, The Order of Things: An Archaeology of the Human Sciences, trad. Alan Sheridan, New York: Pantheon Books, 1971.

³⁷ Ver Jacques Derrida, Of Grammatology, trad. Gayatri Chakravorty Spivak, Baltimore: Johns Hopkins University Press 1976.

³⁸ Jaime del Val e Stefan Lorenz Sorgner, “A Metahumanist Manifesto”, The Agonist: A Nietzsche Circle Journal, IV/II (Fall 2011).

o corpo como um *locus* para ressignificados amorfos, estendidos em relações cinéticas como um corpo-rede. Não deve ser confundido com meta-humanidade, um termo que apareceu na década de 1980 dentro de narrativas de quadrinhos e jogos de RPG³⁹, referindo-se a super-heróis e mutantes, e desde então tem sido empregado especificamente no contexto de estudos culturais. Por último, a noção de pós-humanidades tem sido recebida na academia para enfatizar uma mudança interna (das humanidades para as pós-humanidades), estendendo o estudo da condição humana ao pós-humano; além disso, pode também se referir às gerações futuras de seres evolutivamente relacionados com a espécie humana.

Conclusão

O discurso pós-humano é um processo contínuo de diferentes pontos de vista e movimentos, que floresceu como resultado da tentativa contemporânea de redefinir a condição humana. Pós-humanismo, transumanismo, novos materialismos, anti-humanismo, meta-humanismo, meta-humanidade e pós-humanidades oferecem maneiras significativas de repensar possíveis resultados existenciais. Este ensaio esclarece algumas das diferenças entre esses movimentos e enfatiza as semelhanças e discrepâncias entre transumanismo e pós-humanismo, duas áreas de reflexão que muitas vezes são confundidas entre si. O transumanismo oferece um debate muito rico sobre o impacto dos desenvolvimentos tecnológicos e científicos na evolução da espécie humana; e ainda tem uma perspectiva humanista e humanocêntrica que enfraquece seu ponto de vista: é um movimento “Humanity Plus”, cujo objetivo é “elevar a condição humana⁴⁰”. Pelo contrário, o especismo se tornou parte integral da abordagem pós-humanista, formulada em uma *episteme* pós-antropocêntrica e pós-humanista baseada em modelos descentralizados e não hierárquicos. Embora o pós-

http://www.nietzschecircle.com/agonist/2011_08/metahuman_manifesto.html, último acesso em 16 Nov. 2013.

³⁹ O termo “meta-humano” foi utilizado especificamente nas histórias de quadrinhos lançadas pela DC Comics (New York).

⁴⁰ O site do Humanity+ (<http://humanityplus.org>), que atualmente é principal plataforma on-line do transumanismo, declara: “Humanity+ é dedicado a elevar a condição humana. Nós queremos influenciar profundamente uma nova geração de pensadores que ousem planejar os próximos passos da humanidade”.

humanismo investigue os domínios da ciência e da tecnologia, ele não os reconhece como seus principais eixos de reflexão, nem se limita aos seus esforços técnicos, mas busca expandir suas reflexões para as tecnologias da existência.

Pós-humanismo (aqui entendido como crítico, cultural e filosófico, bem como novos materialismos) parece apropriado para investigar o tempo geológico do antropoceno. Como o antropoceno marca a extensão do impacto das atividades humanas em um nível planetário, o pós-humano se concentra no descentramento do humano do foco principal do discurso. Em harmonia com o anti-humanismo, o pós-humanismo ressalta a urgência dos seres humanos em tomar conhecimento de pertencerem a um ecossistema que, quando danificado, afeta negativamente a condição humana também. Nesse quadro, o humano não é abordado como um agente autônomo, mas está localizado dentro de um extenso sistema de relações. Os seres humanos são percebidos como (nódulos) materiais do devir; tais devires operam como tecnologias da existência. A maneira como os humanos habitam este planeta, o que eles comem, como eles se comportam, que relações os entretêm, cria a rede de quem e do que eles são: não é um rede sem corpo, mas (também) um material, cuja agência excede os reinos humano político, social e biológico, como novos pensadores materialistas acentuam. Neste horizonte expandido, torna-se claro que qualquer tipo de essencialismo, reducionismo ou vieses intrínsecos são fatores limitantes na abordagem de tais redes multidimensionais. O pós-humanismo mantém um ponto de vista crítico e desconstrutivo informado pelo reconhecimento do passado, ao mesmo tempo que estabelece uma abordagem abrangente e generativa para sustentar e nutrir alternativas para o presente e para os futuros. Dentro do atual ambiente filosófico, o pós-humanismo oferece um equilíbrio único entre ação, memória e imaginação, visando alcançar legados harmônicos na ecologia em evolução da existência interconectada⁴¹.

⁴¹ Agradecimentos especiais a Helmut Wautischer e Ellen Delahunty Roby pelos comentários nas prévias deste ensaio.